CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRATAMETO DA ENCEFALOMIELITE PROTOZOÁRIA EQUINA: REVISÃO

Autor(res)

Juliana De Oliveira Bernardo
Victor Vinícius De Medeiros Mello
Ana Caroline Costa De Oliveira
Yasmin Miranda Da Silva Ribeiro
Laura Larissa Almeida Prado
Ryanna Tomtski

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE SOROCABA

Resumo

A encefalomielite protozoária equina (EPM) é uma enfermidade causada pelo protozoário Sarcocystis neurona, responsável por causar lesões no sistema nervoso central. Os principais sinais clínicos observados são a incoordenação motora, fraqueza muscular, dismetria, ataxia e paralisia (DUBEY; BENSON; LARSON, 2003). Os equinos são considerados hospedeiros acidentais, que se infectam após ingestão de fezes de gambá das espécies Didelphis virginiana (Gambá-de-orelha-preta) e Didelphis albiventris (Gambá-de-orelha-branca), contaminadas com oocistos (RADOSTITS, 2002). O tratamento deve ser realizado precocemente com a administração de coccidiostáticos e terapia suporte. Atualmente, terapias complementares vem sendo utilizadas com o objetivo reduzir as sequelas e alterações neurológicas, procedimentos como a utilização de células-tronco mesenquimais, oxigenioterapia hiperbárica e eletro-acupuntura são métodos alternativos que podem ser associados ao tratamento convencional. Barberini (2017) relata a utilização de células-tronco mesenquimais halogênicas como terapia complementar para a EPM, o qual é realizado com o animal em estação, sob neuroleptoanalgesia e aplica-se o pool de células por via intratecal, entre as vértebras C1 e C2. Geiser (2016) cita a oxigenoterapia hiperbárica (OHB) no tratamento, no qual o paciente é colocado em uma câmara e exposto ao oxigênio de 100% (alta pressão), fazendo com que os componentes aquosos do organismo do animal recebam um aumento na saturação relativa melhorando a oxigenação mal perfundida em áreas necróticas e tecidos danificados. A fisioterapia com estímulos neuro-sensoriais e elétricos locais são efetivos quando ocorre paralisia facial, disfagia e ptose palpebral (ESCODRO et al, 2011). Os protocolos terapêuticos convencionais são capazes de interferir no desenvolvimento e sobrevivência do S. neurona, e devem ser iniciados precocemente favorecendo resultados positivos, porém as chances de recuperação de animais portadores da EPM são de 60 a 70 %. Com isso, os tratamentos alternativos podem ser associados contribuindo para a redução de sequelas no sistema nervoso central e lesões musculares.